

Narcisismo: subjetividades contemporâneas

Narcissism: contemporary subjectivities

Alexandre Ribeiro Aquino, Maria de Fátima Pessoa de Assis

Resumo

O presente trabalho pretende abordar o processo de construção teórica da noção de narcisismo na obra freudiana, em alguns dos principais textos, bem como verificar a relevância deste conceito para pensar alguns dos quadros clínicos mais frequentes na clínica atual, como os estados-limites, teorizados por André Green e outros autores contemporâneos. A noção de narcisismo torna-se especialmente fecunda para pensar o mal-estar na atualidade, pois os laços sociais ficam circunscritos ao campo da imagem, especialmente a imagem de si mesmo. Pretende-se, ainda, situar o narcisismo no contexto da constituição da vida psíquica e evidenciar a importância da compreensão desta noção para o enfrentamento dos desafios teóricos e técnicos da clínica atual.

Palavras-chave

Narcisismo; Clínica Psicanalítica; Borderline; Cultura Atual.

Abstract

The present paper aims to approach the Freudian narcissism theoretical framing, in some of the main texts, as well as to verify the relevance of this concept to think about some of the most frequent clinical scenarios in the current practice, as the limit states, which were theorized by Andre Green and other contemporary authors. The narcissism notion becomes especially fecund to think about the topicality social unrest, for the social ties remain circumscribed to the image field, especially the self image. This work also intends to situate the narcissism in the psychic life constitution and to point the importance of the understanding of this notion for coping the theoretical and technical challenges of the current clinical practice.

Keywords

Narcissism; Psychoanalytic Clinics; Borderline; Contemporary Culture.

Alexandre Ribeiro Aquino

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Psicólogo, Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Maria de Fátima Pessoa de Assis

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Psicóloga, Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista, UNESP. Atualmente é professora Adjunto-I, da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Introdução

Partimos da teoria psicanalítica como referencial teórico e elegemos o objetivo de realizar uma pesquisa bibliográfica e teórica sobre o conceito de narcisismo na obra freudiana. A primeira parte do trabalho estabelece um levantamento das características da contemporaneidade ligadas ao narcisismo e que compreende o processo de construção do sujeito caracterizado por um momento de total valorização da própria imagem e, conseqüente, precarização dos vínculos afetivos. Na segunda parte, retomamos o caminho realizado por Freud na construção do conceito de narcisismo ao longo da sua obra, na primeira e segunda tópicos, e analisamos este conceito em alguns pontos estratégicos. As características sócio-históricas e culturais da atualidade apresentam importantes ressonâncias na clínica, contexto que faz crescer a incidência dos chamados estados-limites. Finalizamos discutindo os desdobramentos atuais da noção de narcisismo na clínica psicanalítica, com destaque para o estudo dos estados-limites, situando Freud e seus continuadores no debate contemporâneo.

O narcisismo no cenário da atualidade

Os quadros clínicos na atualidade possuem uma ancoragem central na problemática narcísica. Diversos autores destacam a importância da noção de narcisismo para a compreensão dos sofrimentos que emergem na clínica psicanalítica atual, tais como: Birman (2012), Eugier (2014), Freud (1914), Green (1988) Lazzarini (2010). Para ilustrar a importância do conceito de narcisismo e sua fecundidade para a Psicanálise, a Revista Brasileira de Psicanálise dedicou todo um editorial sobre a temática em 2014, no centenário da publicação do artigo de Freud, Introdução ao Narcisismo (1914), destacando sua relevância conceitual, sua ressonância na clínica psicanalítica e suas implicações para o campo cultural na atualidade.

Em nossa revisão bibliográfica que teve como objetivo mapear a temática: “narcisismo na teoria psicanalítica”, indexada na base de dados Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), foram encontrados trinta artigos produzidos entre os anos de 2010 e 2015. Nestes trabalhos, o narcisismo tem sido explorado nos aspectos das transformações do conceito na teoria freudiana e, principalmente, em sua ligação com a clínica contemporânea. Ou seja, encontramos diferentes trabalhos, os quais, em suas múltiplas facetas de análise, o narcisismo se relaciona com diferentes problemáticas que ressonam na clínica, como: os estados-limites, a depressão, melancolia, anorexia, drogadição, escolha amorosa e cultura. Delourmel (2013), Falcão (2014), Soares (2014).

Para Birman (2012), o sujeito na atualidade encontra-se à deriva, mas também com sua possibilidade de simbolização empobrecida e neste contexto o narcisismo apresenta-se como uma saída defensiva de sujeitos que se encontram com suas referências externas precarizadas de vínculos afetivos, sendo “o retorno ao próprio Eu” uma saída para pessoas em agudo sofrimento.

A clínica psicanalítica moderna é convidada a se deparar com pacientes não neuróticos, mas também circunscrita por novas modificações subjetivas que envolvem patologias ligadas ao conceito de narcisismo. Para ratificar essa assertiva, encontramos os casos-limites, ou pacientes que utilizam o fantasiar como maneira de preencher um vazio constante. Deparamo-nos ainda com casos em que há uma grande dificuldade em manter relações afetivas estáveis, existindo, por vezes, horror às relações sexuais. Os diagnósticos que envolvem a problemática narcísica são variados na contemporaneidade, ou seja, entra em cena a depressão, drogadição, anorexia e bulimia (Lazzarini, 2010).

Para Birman (2012), os laços sociais ficaram circunscritos à área da imagem, momento em que a cena social fica reduzida à eloquência do narcisismo, um mundo marcado pela constante veneração da imagem de si mesmo, para o olhar e elogio do outro, em um campo influenciado pela sedução e pela estética da perfeição.

Trata-se de um contexto histórico em que o envelhecimento se transforma em doença que deve ser extirpada, em uma sociedade que preza a medicina ortomolecular, pelas promessas de longevidade e pela reposição hormonal. Além disso, a gordura deve ser eliminada, o colesterol é considerado um grande vilão, o templo sagrado agora são as academias, onde fiéis do culto ao corpo são capazes de tudo para atingir o ideal de beleza, “o vale tudo” em nome de um objetivo: a perfeição narcísica. Shakes, dietas, suplementos, anabolizantes, são usados para alcançar tal finalidade em que o ideal de beleza e saúde é a juventude. Sendo assim, é importante frisar que as subjetividades contemporâneas encontram-se marcadas por um total retorno a si mesmas, isto é, o eu se comporta como objeto de seu próprio investimento em um contexto em que o erotismo narcísico torna-se hegemônico (BIRMAN, 2012).

Birman (2001) destaca que em seus primórdios, os eixos constitutivos da subjetividade na modernidade eram baseados nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesmo. Contudo, as novas formas de subjetivação de nosso tempo são marcadas pelo surgimento do individualismo na tradição ocidental iniciado a partir do século XVII, pela cultura do narcisismo e pela sociedade do espetáculo que valoriza a exterioridade.

O historiador Christopher Lasch (1983), aponta que a cultura contemporânea está imersa em novos modos de socialização e modos de organização da experiência, desse modo o narcisismo surge neste cenário como um meio de compreender o impacto psicológico das recentes mudanças sociais. Existem diversos exemplos que caminham na direção de uma inflação do narcisismo no mundo contemporâneo, isto é, uma defesa narcísica contra a dependência, um profundo temor da velhice e da morte, o fascínio pela fama e o declínio do espírito lúdico.

De acordo com Guy Debord (1997) a espetacularização está cada vez mais nítida no cotidiano das sociedades modernas. O espetáculo pode ser visto em diversos espaços, como nos meios de comunicação, entre eles, a televisão, jornais, internet e redes sociais ou na política. O espetáculo, segundo este autor, não é um conjunto de imagens, mas um regulador social entre pessoas, mediado por imagens. Em síntese, significa ser notado pelo outro e a condição de espetáculo requer a presença de um espectador do fato, onde o pânico narcísico é “ser qualquer um na multidão”.

Sendo assim, tendo em vista a abrangência e importância da noção de narcisismo para a Psicanálise e para o entendimento do sujeito na contemporaneidade, bem como seus desdobramentos para a compreensão de diversos quadros clínicos da atualidade, nosso recorte de trabalho será o de recuperar o caminho realizado por Freud para somente em um segundo momento refletir sobre a funcionalidade deste conceito para a clínica psicanalítica atual.

A noção de Narcisismo em Freud

Buscamos trabalhar com os textos de Freud traduzidos do original alemão para o português, (tradução realizada por Paulo César de Souza pela editora Companhia das letras.) Essa busca, em um primeiro momento, se concentrou nos trabalhos sobre narcisismo no âmbito da primeira tópica, tendo como eixo norteador a noção de narcisismo. Em seguida, pesquisamos o narcisismo na passagem da primeira para a segunda tópica e por fim, a

noção desde conceito nos últimos trabalhos do autor. Até o momento em que este trabalho foi formulado, haviam sido publicados onze volumes, e na indisponibilidade dessa tradução, foi utilizada a edição Standard Brasileira da Imago.

A noção de narcisismo na obra freudiana representou uma grande transformação na teoria psicanalítica, contudo a elaboração do conceito levou décadas, principalmente pelas enormes dificuldades que o autor encontrou. Há uma transformação do conceito de narcisismo ao longo da obra freudiana. A primeira publicação do termo se dá em uma nota de rodapé extensa na segunda edição dos Três ensaios da teoria sexual em 1910, onde o autor fala sobre a escolha de objeto nos homossexuais. Isto é, tratam-se de escolhas que se caracterizam por uma conduta em que o indivíduo toma seu próprio corpo como objeto sexual:

Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, embora muito breve, de fixação na mulher (em geral, a mãe), após cuja superação identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmos como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram jovens e parecidos como sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou (FREUD, 1905, p. 137).

No mesmo ano Freud publica um estudo sobre Leonardo da Vinci intitulado Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci (1910) e paralelamente houve a produção do trabalho Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) relatado em autobiografia (“O caso Schreber”) (1911). Sendo assim, no contexto destes trabalhos, é importante destacar que o primeiro momento da elaboração do conceito de narcisismo foi a partir dos estudos relacionados à homossexualidade, designadamente a masculina.

Freud (1910), em Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci, elabora um ensaio biográfico da vida do referido artista onde busca nos oferecer um esboço psicanalítico da gênese de um tipo de homossexualidade, ressaltando que existe uma variedade de processos psicosssexuais na gênese psíquica da homossexualidade. Freud investiga a significação de uma recordação da infância de Leonardo, em que um abutre teria introduzido a calda em sua boca diversas vezes após ter pousado em seu berço ainda quando era bebê. Ao analisar tal lembrança, o autor destaca que ela estaria ligada ao plano erótico (ato sexual) e que a cauda do pássaro seria o membro masculino, ou seja, o pênis. Além disso, no capítulo III deste estudo Freud cita o mito de Narciso e afirma:

O garoto reprime o amor à mãe pondo a si mesmo no lugar desta, identificando-se como ela e tomando sua própria pessoa como modelo, à semelhança do qual escolhe seus novos objetos amorosos. Assim tornar-se homossexual; mais precisamente, retorna ao autoerotismo, pois os garotos que o adolescente agora ama são apenas sucedâneos a reiterações de sua própria pessoa infantil, que ele ama tal como sua mãe o amou quando criança. Dizemos que ele encontra seu objeto amoroso pela via do narcisismo, pois o mito grego chama de Narciso um jovem que amava acima de tudo sua própria imagem refletida, e que foi transformado na bela flor que tem esse nome (FREUD, 1910, p. 167).

A partir destas considerações, podemos afirmar que o indivíduo que assim se tornou homossexual permanece fixado inconscientemente na imagem-lembrança da mãe, através da identificação intensa e erótica com esta, nos primeiros anos de vida, através de uma ternura excessiva e sustentada pela distância do pai. Através da repressão do amor à mãe, ele a

conserva em seu inconsciente e lhe permanece fiel, através desta identificação. Então dirige-se em direção a garotos, na qualidade de amantes, mas na realidade corre atrás de outras mulheres (FREUD, 1910).

Em 1919, em uma nota de rodapé, Freud busca retirar as características patológicas ou perversas da homossexualidade, assinalando que todas as pessoas, inclusive as mais normais são capazes de escolha de objeto homossexual, alcançada alguma vez na vida, ainda que seja inconsciente.

No ano seguinte, Freud publica Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), trabalho detalhado dedicado ao estudo da paranoia, localizando o narcisismo como um estágio do desenvolvimento humano normal e recorrendo-o para explicar o papel do desejo homossexual na paranoia, visto que, as explicações até então elaboradas sobre o narcisismo estavam relacionadas à escolha de objeto do homossexual. O caso do presidente Schreber demandou novos aportes. Na terceira parte do trabalho, o autor destaca o narcisismo como fase do desenvolvimento entre o autoerotismo e o amor objetual, acrescentando o narcisismo como uma fase do desenvolvimento humano.

Em Totem e Tabu (1912-1913) Freud volta a colocar o narcisismo como sendo um terceiro estágio entre o autoerotismo e o amor de objeto. Neste estágio intermediário, os instintos sexuais antes separados, se juntam em uma unidade e encontram um objeto. Contudo, esse objeto não é externo, ou fora do indivíduo, mas sim seu próprio “Eu”. Neste ponto Freud afirma: “A pessoa se comporta como se estivesse enamorada de si mesma; os instintos do Eu e os desejos libidinais ainda não são separados por nossa análise (FREUD, 1912-1913, p.140-141)”.

No entanto, o autor reconhece a necessidade de novos estudos sobre este estágio, mas levanta desde já que a posição narcísica jamais é abandonada inteiramente pelo ser humano, mesmo quando encontra objetos externos para seu investimento libidinal. Haveria, ainda, os investimentos objetais que podem retornar para o sujeito. Os estados de enamoramento na psicose são exemplo do mais alto grau dessas emanações que se transformaram em investimentos narcísicos.

Freud (1914/2010) destaca também a pertinência do conceito de narcisismo em termos de sua funcionalidade para a compreensão de diferentes quadros clínicos no seu trabalho Introdução ao Narcisismo (1914). Neste, ele destaca que o conceito está implicado na compreensão da hipocondria e da paranoia. Tal estudo do narcisismo tem como principal objetivo a elucidação das parafrenias. Além disso, o conceito estabelece pontes para o estudo da vida amorosa dos seres humanos, em suas diferenciações no homem e na mulher.

O narcisismo representou um parêntese no pensamento de Freud, conceito que está relacionado à oposição mais ferrenha em relação à análise, ou seja, a resistência. Esta noção possibilitou uma solução para compreender alguns pacientes inacessíveis, uma vez que a experiência narcísica resulta da libidinização das pulsões do Eu, que está ligada a auto-conservação. O artigo sobre o narcisismo teve um caráter subversivo e perturbador em relação às próprias considerações que o autor vinha tecendo, posto que apresentou uma grande dificuldade de elaboração, que teve como resultado a designação de “introdutório”. Além disso, apresentou uma considerável sacudida na teoria dos instintos. (GAY, 1988; JONES, 1989).

O texto Introdução ao narcisismo é dividido em três partes. A primeira parte nos revela a origem do termo “narcisismo”, usado para: “designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos” (FREUD, 1914, p. 14).

Posteriormente, Freud formula a seguinte pergunta: Qual é o destino da libido retirada dos objetos na esquizofrenia? A solução desta questão ele próprio fornece: “A megalomania própria desses estados, aponta-nos aqui o caminho. Ela se originou provavelmente à custa da libido objetal” (FREUD, 1914, p. 16). Ou seja, a libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, desse modo, surge uma conduta que pode ser chamada de narcisista. Contudo, a megalomania própria desses estados não é algo inédito, mas trata-se de um estado anterior que existiu (narcisismo primário), mas que desapareceu em razão de diversas influências.

Na segunda parte desse trabalho, o autor aponta que existem dificuldades que impedem o estudo do narcisismo de forma direta, mas, que seu principal acesso é através da análise das parafrenias. Desse modo, Freud (1914) afirma que as parafrenias só se tornam possíveis através da megalomania, do retorno ao próprio Eu e do represamento da libido no Eu, o que produz esse quadro patológico.

O autor alerta que a diferença entre as neuroses de transferência e as formações correspondentes ao Eu normal deve proporcionar uma compreensão da estrutura do nosso aparelho psíquico. Freud (1914) elabora as diferenciações entre hipocondria e doença orgânica. Coloca a hipocondria, como sendo uma manifestação de uma enfermidade orgânica, que possui sensações físicas penosas e dolorosas, que coincide sobre a distribuição da libido. Em consequência, o hipocondríaco retira interesse da libido dos objetos do mundo exterior e concentra no órgão que ocupa. Em seguida argumenta que a hipocondria possui uma semelhança com a parafrenia, pois a parafrenia só se torna possível através da megalomania, do retorno ao próprio Eu e do represamento da libido no Eu.

A terceira via de acesso ao estudo do narcisismo em “Introdução ao narcisismo” é a vida amorosa dos seres humanos, em suas variações no homem e na mulher, pois existem diferenças fundamentais, embora não sejam universais, quanto ao tipo de escolha de objeto. Isto é, a escolha de objetos sexuais na criança e no adolescente tem como alvo as pessoas que são encarregadas da nutrição, cuidado e proteção. Em suma, os bebês escolhem pessoas que estão relacionadas com suas vivências de satisfação, que pode ser a mãe ou alguém que a substitui. Freud, alerta que existem dois grupos bem diferenciados, na escolha de objeto amoroso, que pode ser o tipo de escolha narcísica e a “de apoio”.

Podemos destacar, de acordo com Freud (1914), que uma pessoa ama: 1) O que ela mesma é (a si mesma), 2) O que ela foi, 3) O que ela gostaria de ser, 4) A pessoa que foi parte dela mesma. O narcisismo também pode ser observado na grande atração que os bebês, bichos em gerais, gatos, grandes animais de rapina, grandes humoristas e criminosos emanam, principalmente pela sua autoconfiança, autossuficiência e inacessibilidade a todos a sua volta, o que mantém afastados do seu Eu tudo o que possa diminuir. Resumidamente, o autor afirma: “É como se os invejássemos pela conservação de um estado psíquico bem-aventurado, uma posição libidinal inatacável que desde então nós mesmos abandonamos” (FREUD, 1914, p. 34).

Na terceira e última parte do trabalho, Freud sinaliza a importância do narcisismo ligado à noção de ideal do Eu, mostrando as diferenças entre formação de ideal e a sublimação. Esse conceito de ideal encontra-se ligado ao amor de si mesmo, que foi desfrutado na infância, como perfeito. O ideal do Eu é possuidor da auto-observação e da autocrítica tendo como tarefa a satisfação narcísica.

Este conceito apresenta-se como importante caminho para a compreensão da psicologia da massa, pois segue os ideais formulados pela família, classe e nação. O medo do castigo dos pais, da perda do seu amor e de ter o seu lugar tomado, explica parte do mecanismo de paranoia, ao passo que as

críticas da sociedade, dos pais e suas vozes são trazidas à tona pela doença, uma autocrítica da consciência (Freud, 1914).

No trabalho *Luto e Melancolia* (1917[1915]) Freud elabora algumas considerações sobre a melancolia, relacionando-a ao conceito de narcisismo. Freud ((1917[1915]), p. 183) afirma: “Portanto, a melancolia toma uma parte de suas características do luto e outra parte da regressão, da escolha de objeto narcísico para o narcisismo”.

Outro momento da obra de Freud em que encontramos a discussão da noção de narcisismo foi em Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917), ponto em que Freud profere em dois semestres, conferências no intuito de “introduzir a psicanálise” nos anos de 1915 e 1916 a médicos e leigos. Destacamos em especial a 26ª conferência intitulada “Teoria da Libido e o Narcisismo” em que o autor busca explicar as diferenças entre instintos do Eu e instintos sexuais. Importantes mudanças neste texto culminaram na “virada” para a segunda tópica, pois nesta obra Freud considera a existência de um narcisismo primitivo desde a vida intrauterina, o que coincide com o autoerotismo.

Em *Uma Dificuldade da psicanálise*, de 1917, Freud elabora um pequeno texto em que destaca as possibilidades da terapia psicanalítica e suas descobertas que contribuíram para compreensão do Eu. O autor supõe a formação de um traço na distribuição da primeira libido do ser humano, ou seja, todo empenho erótico, toda a capacidade amorosa está ligada à própria pessoa, ou como dizemos, pressupõe um investimento no próprio Eu. Logo após, o bebê apoia-se na satisfação das grandes necessidades vitais, quando há o transbordamento do Eu para objetos externos. Em seguida, Freud nos mostra que há a separação entre instintos libidinais e instintos do Eu, assinalando: “Ao estado em que o Eu retém a libido chamamos de narcisismo, lembrando o mito grego do jovem Narciso, que se apaixonou por sua própria imagem refletida”. Isto é, existe um progresso do narcisismo para o amor objetual, mas, nem toda libido passa do eu para o objeto, um certo montante continua existindo no Eu.

O artigo *Além do Princípio de Prazer* (1920) representa o estágio final dos trabalhos metapsicológicos e o surgimento de um novo quadro tópico de compressão da estrutura psíquica, onde encontramos as noções de pulsões de vida e pulsões de morte e suas oposições, noções que se desenvolvem a partir da obra *Introdução ao Narcisismo* (1914). Freud destaca alguns aspectos do narcisismo nesta obra, como por exemplo, a ideia de que a perda de um amor trás um dano permanente na autoestima, sob a forma de uma ferida narcísica. Além disso, o autor mostra os avanços que a psicanálise obteve em relação à compreensão do Eu.

Em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), Freud retoma algumas questões relacionadas ao narcisismo, este que surge como estado anobjetal. Neste momento, encontramos a importância do mecanismo de identificação na gênese do Eu. No primeiro capítulo, o autor avalia os contrastes entre psicologia individual e psicologia das massas e coloca os atos anímicos sociais em oposição aos narcisistas, ou seja, os atos narcisistas compreendem uma retirada dos investimentos externos em direção ao próprio ego.

Na seção IV, Freud avalia a expressão da libido na massa, como correspondente a uma restrição do narcisismo, afirmando que a libido é uma expressão da teoria da afetividade, ligada a diversos tipos de amor: amor por si mesmo, do outro, amor dos pais aos filhos, a amizade e o amor. Neste sentido, todos estes tipos de amor que são cantados pelos poetas, seriam expressões das mesmas moções pulsionais que entre os sexos buscam alcançar a união sexual, mas também, investimentos libidinais que estariam presentes em todas estas formas de amor.

Desta maneira, Freud afirma que existem ligações libidinosas que caracterizam a massa. As proibições ao narcisismo que surgem na sociedade funcionam como sinalizadores de que a essência de sua formação se encontra nas ligações libidinosas entre seus membros. Além disso, existem outros mecanismos de ligação libidinal entre os membros de uma sociedade, entre eles a identificação.

A este respeito, Freud afirma que: “Segundo nossas concepções teóricas, tal limitação do narcisismo pode ser produzida apenas por um fator, pela ligação libidinal a outras pessoas” e complementa: “Portanto, se na massa aparecem restrições ao amor-próprio narcisista, inexistentes fora dela, isso indica forçosamente que a essência da formação de massa consiste em ligações libidinais de nova espécie entre os membros da massa” (FREUD, 1921, p.44). Ou seja, o investimento nos objetos externos está relacionado ao investimento no mundo externo, o que constitui, portanto, numa restrição ao narcisismo.

Freud, aos 82 anos escreve seu último trabalho, intitulado: *Esboço de Psicanálise* (1938), contudo, trata-se de uma obra que não conseguiu terminar, embora seja difícil considerá-la incompleta. Na seção II, Freud apresenta o Eu como grande reservatório da libido. Chama este estado absoluto de narcisismo primário. Ele persiste até o Eu começar a catexizar as representações dos objetos com a libido, esta que se modifica de libido narcísica em libido objetal. Isto é, durante toda vida, o Eu permanece sendo o grande reservatório, a partir do qual as catexias libidinais são enviadas aos objetos e para o qual elas também mais uma vez são recolhidas.

Com base nas leituras realizadas percebemos que o narcisismo não é apenas um retorno ao próprio Eu, no sentido de narcisismo secundário, este que pressupõe a presença de um eu enquanto instância estruturante e estruturada mas, é também uma defesa psíquica fundamental para todos, posto que é também narcisismo primário enquanto germe da sexualidade, cuja função é habitar a organização narcísica do vazio. Ou seja, diante do caos inicial da vida do bebê, do excesso de excitação que mobiliza a tensão e o desconforto no corpo psicosssexual, a sexualidade é sempre e desde o início, a matéria –prima da constituição do sentido e do próprio sujeito, sentido este que povoa o vazio da falta do seio que nutre e ampara. A sexualidade é uma força humana direcionada à reprodução da espécie e busca principalmente a evitação do desprazer, podendo, até, em algumas ocasiões, causar prazer. (BERLINCK, 2008)

Tendo em vista o que foi posto, diversos aspectos foram destacados durante nosso estudo da noção de narcisismo na obra de Freud. Percorreremos um caminho que mostrou as ligações do narcisismo com o contexto cultural da atualidade, momento em que a inflação da imagem de si fortalece as defesas narcísicas e faz declinar o investimento no outro. Com efeito, procuramos evidenciar os aspectos defensivos do narcisismo, isto é, o retorno da libido ao Eu (no luto, psicose, decepções com o mundo externo), bem como abordamos sua presença na escolha de objeto homossexual. Além disso, a noção de narcisismo está intimamente ligada a hipocondria, ao ideal do eu, melancolia, e à vida amorosa dos seres humanos. Na segunda tópica freudiana, o conceito de narcisismo está ligado à importância das identificações na construção do Eu, ao enamoramento e a escolha de objeto sexual. Enfim, buscamos destacar a abrangência e importância deste conceito no processo de desenvolvimento da vida psíquica como um todo.

A presença do narcisismo na clínica atual: Estados-Limites

O exercício clínico da psicanálise nas últimas décadas está constituído por novas leituras teóricas, que atestam o surgimento de manifestações

psicopatológicas que em muitos aspectos se distinguem da neurose clássica. A psicanálise em seu início concentrava-se principalmente no atendimento de pessoas com estruturas neuróticas, tendo o complexo de Édipo como eixo explicativo central. Contudo, na clínica atual, observa-se um número crescente de pacientes que possuem aspectos narcísicos e pré-edípicos como característica central de seu sofrimento. Com efeito, as transformações sócio-históricas e culturais, que engendram um novo cenário, fizeram com que a configuração social esteja hoje ancorada em valores diferentes da época freudiana. Desta forma, o que está na ordem do dia são os valores de autonomia, liberdade, individualidade e fragilização da lei simbólica. (FIGUEIREDO, 2009; MENDES; GARCIA, 2012)

Chagnon (2009) elabora um breve resgate histórico da terminologia do quadro psicopatológico dos estados-limites a partir dos trabalhos psicanalíticos franceses. Estes últimos, envolvem diferentes autores como Bergeret, Mises, Jeammet, Diatkine, dentre outros. A noção de “estado-limite” ou, ainda, de “casos-limites” (tradução de transtorno borderline), reúne inúmeras inquietações dos psicanalistas. Isto é, observou-se que pacientes considerados como neuróticos desenvolveram, no quadro da terapia psicanalítica, modos de funcionamento psicótico, ora de modo ocasional, ora de forma mais duradora. Diante destas constatações, emergiu a necessidade de encontrar recursos técnicos para tornar o trabalho psicanalítico possível. André Green (1988) e Jean Bergeret (2000) foram pioneiros nos estudos sistemáticos dos estados-limites, pois teceram importantes considerações clínicas sobre a questão.

Para evitar nos estendermos muito em debates teóricos, o que não cabe nos limites deste estudo, escolhemos elencar alguns pontos de apoio, a partir dos quais foi possível escolhermos o pensamento de André Green como principal ancoragem para compreender a psicanálise dos estados-limites.

A abordagem deste autor sobre os estados-limites desenvolveu-se ao longo de sua obra de modo consistente e continuado ao longo de décadas. Em seus trabalhos, papel central e proeminente foi destinado ao estudo teórico e clínico das formas do narcisismo e dos estados-limites. O conceito de “fronteiriço” é mais que uma caracterização de um quadro psicopatológico, mas nasce da premissa de se adotar o limite (ou a fronteira), em si mesmo, de modo a considerá-lo como um conceito, marcado por dois mecanismos centrais: o esvaziamento de sentido e a dissociação.

Para Green (2012) existe um problema no trabalho com o borderline, que se relaciona com as descrições clínicas mais ou menos relevantes, sem que exista um conceito subjacente que permita compreender o que é, de fato, um borderline, ou seja, existe uma dificuldade na compressão clínica destes casos. Ademais, na literatura psicanalítica desde Freud e até a época atual, mesmo que esses autores concordem entre si sobre tais traços clínicos, as linhas de abordagem diferem bastante entre si.

De acordo com Green, uma das características que mais causa surpresa no borderline é a presença de elementos polimorfos, ou seja, o modo de funcionamento duplo, marcado ora pelo princípio de realidade ora pelo completo delírio. Esses dois sistemas (realidade e delírio) convivem entre si, caminhando lado a lado nesse tipo de personalidade.

Freud, no texto *A negação* (1925), inaugura a questão do limite (border), ao colocar a divisão primária que é aquela entre o dentro e fora. Ou seja, para a criança aquilo que é bom, prazeroso, deve ser submetido à introjeção, e o que é mau, deve ser excluído do Eu. Sendo assim, o que é mau constitui-se como o que é estranho e deve estar do lado de fora. Além disso, a experiência do autor permitiu-lhe afirmar que o objeto de satisfação não precisa possuir apenas características boas, ou seja, de acolhimento no Eu,

mas que também se encontre no mundo externo, de modo que seja possível apossar-se dela, em caso de necessidade.

De acordo com Green (2012) para o paciente borderline, o objeto não está nos termos de sim, pois ele não quer introjetá-lo, mas o objeto também não está em termos de não, posto que o paciente não quer abandoná-lo. Ele não afirma que o objeto não existe, mas também não tem certeza de sua existência. A resposta do borderline é: “nem sim nem não”. A criança, ao contrário do borderline, tem a possibilidade de compensar sua frustração em ter que decidir se algo existe ou não, criando um terceiro objeto, o objeto transicional, tipo de objeto que “é sim e não”.

O borderline, por sua vez, não deseja uma forma de compensação, existe uma recusa em decidir-se. Por isso é tão difícil a análise desse tipo de paciente, porque nunca se sabe quando de repente surgirá a impressão de que o trabalho está sem nenhum fundamento ou se todos os ganhos e progressos nos quais o trabalho estava apoiado parecem ter evaporado rapidamente. Sendo assim, torna-se difícil qualquer avaliação sobre a análise com este tipo de paciente pois, ele pode passar por uma fase difícil, como por exemplo, uma regressão psicótica e surpreendentemente apresentar uma considerável melhora (Green, 2012).

Com efeito, Green (2002) compreende o “limite” como um conceito e neste campo de referências, o “estado limite” seria uma estrutura não-neurótica, marcada por traços histéricos e composto por diversos aspectos destrutivos, masoquistas e narcisistas. O autor aponta a existência de uma fragilidade na fronteira do Eu que possui um efeito intenso, consequentemente conduz a forte sentimento de fragmentação e despedaçamento, pensamentos de perseguição e dificuldades no processo de mudanças, movimentos pulsionais que provocam um verdadeiro curto-circuito no sujeito. Torna-se central a problemática da destrutividade nestes casos, caracterizada por uma conduta aditiva marcante, composta pelas esferas: medicamentosa, toxicomaniaca, alimentar e/ou ameaça de suicídio. Sendo assim, nestes pacientes, o narcisismo é fortemente abalado pela ausência de apoio identificatório. Cabe ainda destacar, o fato de que o tratamento desses casos é lento, complexo e composto por um terreno cheio de armadilhas, ou seja, alternâncias entre regressões e pequenos progressos, numa evolução constituída de diversas facetas, exigindo do analista uma ilimitada paciência e, constante necessidade de avaliar sua posição contra-transferencial para saber, até onde se pode avançar.

Há um distúrbio narcisista no paciente borderline, pois a tentativa de separar do outro falha, uma vez que não há recursos para lidar com a ausência da mãe. No lugar da separação, limite em relação ao outro, vamos encontrar uma clivagem, uma amputação do eu. Com efeito, o borderline é clivado, ora reconhece a realidade, ora não a reconhece (nem sim, nem não). Escapa do enfrentamento da castração e se divide, ora opera no registro neurótico (falso self), ora no psicótico. Diante do desamparo abissal, vazio insuportável, há um forte desinvestimento nas relações e em seu lugar, surge um forte investimento no eu, que visa à redução da tensão ao nível zero. Ou seja, o narcisismo negativo, que visa a um retorno regressivo ao ponto zero, dirige-se à inexistência, à anestesia, ao vazio, ao branco. (Green, 1988)

Afinal, a patologia narcísica reflete a impossibilidade de elaboração da etapa narcisista do desenvolvimento (o autoerotismo e o narcisismo não puderam se instalar, de forma satisfatória), contexto em que o bebê fica desamparado para lidar com a ausência da mãe e carente de recursos de individuação.

Considerações finais

O presente trabalho buscou pesquisar as transformações ocorridas nas formulações teóricas de Freud referentes ao narcisismo em alguns pontos estratégicos. Deveu-se também no levantamento das características da contemporaneidade relacionadas a este conceito e, por fim, à presença do narcisismo na clínica psicanalítica, com destaque para os estados-limites. O conceito de narcisismo apresentou-se como amplo, denso, e importante na construção da teoria freudiana e da psicanálise. Observou-se que Freud utilizou a noção de narcisismo, em suas primeiras formulações pertinente à escolha de objeto, por meio de mecanismos de fixação e identificação, relacionado à seleção de objeto homossexual.

Em seguida, o conceito foi percebido como estágio situado entre o autoerotismo e o amor de objeto, posteriormente, Freud relacionou o narcisismo a questões clínicas, como por exemplo, a paranoia. O conceito ganha relevância maior a partir do artigo Introdução ao narcisismo (1914), quando adquire uma série de outros elementos teóricos. Freud o divide em narcisismo primário e secundário e a noção passa por transformações na segunda tópica associado a outras concepções como as de eu ideal e de ideal do eu.

Por último, este trabalho buscou destacar o surgimento de manifestações psicopatológicas que se distinguem da neurose clássica, um crescente número de pacientes que possuem aspectos narcísicos e pré-edípicos como característica central de seu sofrimento. Green (1988) compreende que Freud desviou-se do narcisismo, o que acarretou uma fonte de mal-entendidos. Contudo, a substituição de um conceito por outro muda a palavra, mas não a coisa. A psicanálise é um campo de saber que foi construído por Freud e outros autores, composta por um percurso conceitual, portanto é de suma importância destacar que não existe apenas o narcisismo. Green afirma: “Tentar reunir numa interpretação sintética o conjunto das figuras ou dos estados descritos por Freud sob a denominação de narcisismo, não é uma tarefa necessariamente realizável. As contradições que podemos perceber deixam o narcisismo em aberto” (GREEN, 1988, p.89).

Sobre o artigo

Recebido: 22/01/2016

Aceito: 30/05/2016

Referências bibliográficas

- BERGERET, J. **A personalidade normal e patológica**. Lisboa: Climepsi Editores, 2000.
- BERLINCK, M. T. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2008.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CHAGNON, J. Y. Os estados-limites nos trabalhos psicanalíticos franceses. **Psicologia/USP**. São Paulo, v. 20, n.2. p.173-192, 2009

- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELOURMEL, C. C. A mãe morta: um ponto de cruzamento teórico-clínico entre narcisismo, estado-limite e negativo. **Revista de Psicanálise da SPPA**. Porto Alegre, v.20, n.1, p. 103-138, 2013.
- EIGUER, A. A perversão narcísica, um conceito em evolução. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v. 48, n.3, p.93-104, 2014.
- FALCÃO, L. Cem anos de narcisismo: *aquém* psicanálise e além de Freud. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v. 48, n3, p.41-56, 2014
- FIGUEREIDO, L. C. A Psicanálise e a clínica contemporânea. **Contemporânea- Psicanálise e transdisciplinaridade**. v.7, p.9-17, 2009.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. 1976, v.7, p. 119-230.
- FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911). In: FREUD, S. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das letras, 2010, v.9, p. 13-107.
- FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva, uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). In: FREUD, S. **Obras Completas**, volume 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, v.9, p. 12-112.
- FREUD, S. Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1913). **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, v.12, p. 13-244.
- FREUD, S. Introdução sobre narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, v.12, p.13-150.
- FREUD, S. Luto e melancolia (1917[1915]). In: FREUD, S. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, v.12, p. 170-194.
- FREUD, S. Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2014, v.13, p. 14-593.
- FREUD, S. Uma dificuldade na psicanálise (1917). In: FREUD, S. **Obras Completas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2014, v.13, p. 35-49.
- FREUD, S. Além do Princípio de Prazer (1920). In: FREUD, S. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v.14, p. 161-240.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: FREUD, S. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das letras, 2011, v.15, p. 9-100.
- FREUD, S. A negação (1925). In: FREUD, S. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v.16, p. 249-255.
- FREUD, S. Esboço de Psicanálise (1940[1938]). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 23, p. 151-184.
- GAY, P. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988.
- GREEN, A. Histeria e estados-limites: quiasma. Novas perspectivas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, vol.36 (2). p. 465-486, 2002.
- GREEN, A. Uma conferência borderline. **ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos**, Brasília, v.30 (2) p.9-18, 2012

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Vol.2. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LAZZARINI, R. E.; VIANA, C. T. Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea. **Análise Psicológica**, Brasília, v.18, p. 269-280, 2010.

MENDES, L. C.; GARCIA, C. A. Os destinos do trabalho do negativo nas patologias limítrofes. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.18, n.2, p. 277-292, 2012.

SOARES, L. R. **A identificação e o narcisismo na melancolia – reflexões a partir da obra freudiana**. 2014, 135f. Tese (Doutora em Psicologia). Programa de pós-graduação em psicologia clínica e cultura. Universidade de Brasília, Brasília: 2014.